

O carnaval em Corumbá, Mato Grosso do Sul**Denise Abrão NACHIF*****Gilberto Luiz ALVES****

Resumo: Este artigo tem como objeto o carnaval em Corumbá, prática cultural que vem se realizando sistematicamente desde o início do século XX. Seu objetivo é analisar a história dessa festa, de forma a apreender sua singularidade e as relações que vem estabelecendo com o mercado e com a indústria cultural, reveladas por meio do processo que envolve desde a programação até a realização dos desfiles. Entrevistas semiestruturadas, questionários, relatos de memórias, documentos dos setores público e privado, fotos e filmes constituíram o conjunto de fontes primárias utilizadas. Fontes secundárias foram buscadas em livros e periódicos científicos. Como conclusão mais geral destaca-se que, na década de 1920, o carnaval em Corumbá era uma prática cultural que exaltava símbolos locais, denotando a consciência dos sujeitos sociais, sobretudo dos próprios carnavalescos, em relação ao meio. Esse vínculo se manteve ao longo do tempo, porém, progressivamente, precisou ajustar-se aos preceitos dos gestores públicos e privados, do mercado e da indústria cultural, o que impôs ao festejo um novo cenário.

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional. Indústria Cultural. Singularidade Cultural.

Carnival in Corumbá, Mato Grosso do Sul State

Abstract: The goal of this article is the carnival in Corumbá, a cultural practice that has been systematically carried out since the beginning of the 20th century. Its objective is to analyze the history of this party, in order to apprehend its uniqueness and the relations that it has established with the market and the cultural industry, revealed through the process that involves from the programming to the accomplishment of the parades. Semi-structured interviews, questionnaires, memoir reports, documents from the public and private sectors, photos and films constituted the set of primary sources used. Secondary sources were

*Professora Doutora _ Faculdade de Ciências Humanas e Aplicadas _ Universidade Católica Dom Bosco. Avenida Tamandaré, 6000, Jardim Seminário, CEP: 79117- 010, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: denisenachi@ucdb.br

** Professor Doutor _ Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional _ Universidade Anhanguera Uniderp. Rua Ceará, 333, Bairro Miguel Couto, CEP: 79003 - 010, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: gilbertoalves9@uol.com.br

searched in books and scientific journals. As a more general conclusion, it should be noted that in the 1920s, the carnival in Corumbá was a cultural practice that exalted local symbols, denoting the consciousness of social subjects, especially the carnival people themselves, in relation to their environment. This bond was maintained over time, but progressively had to be adjusted to the precepts of public and private managers, the market and the cultural industry, which imposed a new scenario for the celebration.

Keywords: Regional Development. Cultural Industry. Cultural Uniqueness.

Introdução

Este trabalho tem como objeto a história do carnaval em Corumbá, com ênfase em sua singularidade e nas relações que essa prática cultural mantém com o mercado e com a indústria cultural, tais como se revelam no processo que envolve desde a programação até a realização dos desfiles.

Do ponto de vista teórico, toma-se “cultura” como “um conjunto de práticas provenientes da vida social e que tem a função de organizá-la e dar-lhe sentido” (DAMATTA, 1994, p. 67). Por um lado, ela tem o sentido de “signo da humanidade”, que envolve a “[...] capacidade de apropriação e definição simbólica e arbitrária dos sentimentos e das necessidades que nos movem [...]” (DAMATTA, 1999, p. 36). Por outro, o significado da palavra “cultura” abarca valores e ideologias, ou seja, “[...] modos de viver e de pertencer a uma comunidade.” (DAMATTA, 1999, p. 37), estreitamente relacionados a particularidades históricas e sociológicas.

É sob essa dualidade conceitual – necessária quando se tem como objeto do olhar um fenômeno inscrito no mundo globalizado – que se engendra a proposta de análise do carnaval enquanto prática cultural singular em Corumbá. Essa prática cultural é relevante em Mato Grosso do Sul, pois “[...] se afirma pela geração de trabalho, emprego e renda, possui enorme potencial econômico, estimulando o turismo, o comércio e a fonte de lazer.” (ROCHA, 1997, p. 83).

Investir em aspectos da história social do carnaval para conhecer como as singularidades culturais sul-mato-grossenses manifestam o universal (ALVES, 2003), é compreender o processo dinâmico, carregado de movimentos tensos e expressivos à disposição dos gestores públicos culturais. Conforme Teixeira (2006, p. 6),

A expressão dinâmica cultural recebe agora, de volta, seu sentido original e forte, aquele que aparece na literal superfície da palavra: movimento. Movimento é a forma e a matéria da cultura, sua alma. Sob esse aspecto, a globalização, mais uma etapa da cultura flutuante, não significa

necessariamente conflitos de culturas e menos ainda aniquilação de culturas, mas, acima de tudo, um amplo deslocamento de diferentes culturas num largo leque de direções, trazendo como resultado inúmeras e por vezes fundas modificações em cada uma delas.

A cultura dinâmica, representada neste trabalho pela história do carnaval em Corumbá, produz novos patamares de relacionamento entre distintos segmentos sociais – gestores públicos e privados, carnavalescos, participantes e observadores –, configurando o cenário da festa no interior de processos sociais e históricos.

Foram utilizadas fontes secundárias e primárias para apreender a origem e o desenvolvimento de Corumbá, bem como a origem e o desenvolvimento do carnaval na cidade. Documentos de órgãos públicos foram levantados nos arquivos da Fundação de Cultura de Corumbá, da Fundação de Turismo do Pantanal, da Fundação do Meio Ambiente do Pantanal e da Secretaria Municipal de Indústria e Comércio. Documentos de órgãos privados foram buscados no arquivo da Liga Independente das Escolas de Samba de Corumbá (LIESCO). Imagens, constituídas por fotos e filmes, também foram essenciais para a compreensão do objeto de pesquisa. Ainda no âmbito das fontes primárias, recorreu-se a memórias e lembranças dos habitantes da cidade de Corumbá, a depoimentos de turistas, de gestores sociais, de festeiros, de participantes e de observadores da festa.

Compõem o referencial teórico as contribuições de Adorno (2002), Alves (2003, 2005), Araújo (2003), Damatta (1994, 1999), Heers (1987), Huxley (1973), Queiroz (1992). Todos eles, em que pesem as diferenças, procuram analisar as práticas culturais como fruto das relações sociais entre os homens.

1 O município Corumbá

Situada à beira do Rio Paraguai, plantada no Pantanal sul-mato-grossense, Corumbá é uma cidade portuária, próxima à divisa fronteira entre o Brasil e a Bolívia (Figura 1). Com aproximadamente “110 mil habitantes, é conhecida como Cidade Branca, por estar assentada no alto de uma colina calcária, remetendo ao significado nativo da palavra Corumbá: banco de cascalho.” (PROENÇA, 1992).



Figura 1. Corumbá, Mato Grosso do Sul.
Fonte: Secretaria de Turismo de Corumbá, 2016.

Há registros históricos sobre a região que remontam ao século XVI, quando expedições espanholas atravessavam a planície pantaneira em busca de caminhos que as conduzissem às minas de prata do Peru. De acordo com Souza (1973), a região foi, no século XVII, percorrida pelas Bandeiras paulistas. Buscavam capturar indígenas de diferentes etnias para escravizá-los no serviço das lavouras do litoral brasileiro.

No século XVIII, a região de Corumbá deixou de ser somente espaço de passagem. Implantaram-se fortificações militares para a defesa do território onde os bandeirantes descobriram ouro e para a militarização das fronteiras norte, na região do Guaporé, e sul, na região de Albuquerque. O surgimento do Presídio Militar de Nova Coimbra iniciou a ocupação da região pantaneira. A demanda por alimentos para o contingente militar ali estacionado gerou a necessidade de criação de povoados como Albuquerque e Corumbá, à margem ocidental do Rio Paraguai. Corumbá foi fundada em 21 de setembro de 1778 (PROENÇA, 1992).

Em 1856, com o estabelecimento do livre trânsito de navios pela bacia platina e pela estratégica posição geográfica de seu porto, Corumbá começou a projetar-se como polo comercial no centro da América do Sul. Rompeu-se o isolamento da região com o início da navegação fluvial pelo rio Paraguai. O Governo Imperial e empresas privadas implantaram linhas de navegação a vapor adequadas ao transporte de passageiros e ao abastecimento e escoamento de mercadorias em Mato Grosso.

A conexão com transatlânticos procedentes da Europa, que faziam escalas nos portos de Buenos Aires e Montevideú, permitiu que Corumbá se tornasse o grande entreposto comercial da região. Navios de médio calado que iniciavam rotas nessas duas cidades platinas chegavam somente até Corumbá. As mercadorias eram despejadas nos depósitos das casas comerciais. Em seguida, por navios de pequeno calado, elas eram distribuídas para cidades como Miranda, Cáceres e Cuiabá.

Importava-se de Lisboa, Havre, Liverpool, Viena, Paris e Amsterdam, produtos como perfumes, tecidos, louças, tintas, vidros, remédios, produtos alimentícios, ferragens e até maquinaria para as usinas de açúcar próximas a Cuiabá, cidade localizada ao norte do Estado do Mato Grosso. Exportava-se exclusivamente para a distribuidora Francisco Mendes & Cia., em Buenos Aires os produtos; borracha, pena de aves, charque, couro de gado, sebo, madeira, erva-mate e outros. (PROENÇA, 1992, p. 40).

A alfândega de Corumbá, além de receber e expedir mercadorias de consumo para todas as cidades do interior, também controlava uma boa parte do fluxo de produtos destinados ao oriente boliviano. Esse movimento comercial fez a grandeza das casas comerciais corumbaenses, cujas edificações hoje constituem o Casario do Porto (Figuras 2 e 3) (ALVES, 2005)



Figuras 2 - Casario do Porto, Corumbá, Mato Grosso do Sul.
Fonte: FRAZÃO, 2015.



Figuras 3 - Casario do Porto, Corumbá, Mato Grosso do Sul.
Fonte: FRAZÃO, 2015.

A partir de 1914, o comércio fluvial sinalizou sintomas da decadência. A instauração da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), que atrelou a economia de Mato Grosso a São Paulo, possibilitou que o fluxo de mercadorias se desviasse para o eixo econômico São

Paulo – Santos. Em decorrência, Corumbá “[...] baixava das condições de um porto fluvial de primeira ordem para um entroncamento ferroviário de terceira ordem[...].” (SOUZA, 1973, p. 104).

E, “[...] como se não bastasse, o golpe definitivo foi dado pela ligação rodoviária entre Campo Grande e Cuiabá, na década de 50, deslocando Corumbá de sua posição de empório comercial do Norte do Estado.” (PROENÇA, 1992, p. 51).

Em contrapartida ao prenúncio de decadência, a pecuária tomou um impulso vigoroso. As fazendas de gado transformaram o município no mais importante reduto criatório do estado, exportando e distribuindo internamente a sua produção por intermédio dos serviços prestados pela Noroeste do Brasil. Corumbá era uma das poucas cidades sul-mato-grossenses sem ligação rodoviária efetiva, asfaltada e contínua. Somente em 1986 houve a implantação da rodovia BR-262, acesso ainda precário, pois periodicamente era interrompida pelas cheias pantaneiras, impedindo o tráfego do transporte rodoviário.

Na década de 1950, o município de passado glorioso chegou a ser considerado o “[...] maior parque industrial do Oeste brasileiro [...]” (PROENÇA, 1992, p. 98). Instalações de indústrias dinamizaram a região. E esta, por sua vez, foi impulsionada pela proximidade da fronteira Brasil-Bolívia e pelos frequentes contatos mantidos com países platinos, com a Europa e os Estados Unidos.

Na análise de Souza (2004), entre os anos de 1930 e 1970, a instalação de indústrias de cimento, com destaque para a empresa Itaú, do moinho de trigo, de olaria, de curtume, de cervejaria, de carvoaria, de siderurgia, de serraria e de fábrica de paralelepípedos levava a crer que a situação tendia a melhorar, o que não ocorreu.

O início da fragilização de Corumbá já fora anunciado, segundo Alves (2005, p. 44), pela chegada da estrada de ferro:

A ferrovia e as estradas de rodagem venceram os rios. Expressão material da vitória da ferrovia foi o desenvolvimento intenso de Campo Grande, enquanto a decadência em que se afundou Corumbá foi o reflexo dramático da derrota dos rios.

Corumbá, fragilizada e decadente, perdeu a condição de entreposto de exportação e importação à época de domínio do comércio fluvial. Comerciantes locais, diante da derrocada, mudaram-se para outros centros ou tornaram-se pecuaristas. A partir da década de 1970, o turismo emergiu como promissora atividade. Contudo, o que se expandiu, no primeiro momento, foi o turismo de pesca, sempre denunciado como associado à exploração da prostituição infantil. O ecoturismo e o turismo de caráter cultural são tendências ainda embrionárias.

No plano cultural, Corumbá sempre foi marcada pela diversidade. Após a Guerra da Tríplice Aliança, portugueses, italianos, franceses, alemães e platinos assumiram o controle do comércio. Os trabalhadores eram, predominantemente, de origem paraguaia ou indígenas locais. O comércio propiciou, ainda, a chegada de árabes. Bolivianos também engrossaram a população. A existência da Base Fluvial de Ladário sempre assegurou a presença de marinheiros originários de diferentes regiões do Brasil. Em presença da diversidade étnica, as práticas culturais dos imigrantes se difundiram e se transformaram constituindo singularidades locais.

A miscigenação em Corumbá, embora intensa, gerou desafios para a convivência intercultural, pois impôs ruptura de barreiras e reconhecimento das diferenças. Mas isso é um processo. Nessa região de fronteira, as relações sociais ainda são marcadas pelo estranhamento e pelo preconceito.

Vale mencionar a afirmação de um estudioso da região:

O senso comum, [...], reforça o preconceito e a discriminação. Denota esse fato a trivialidade com que, no cotidiano de nossas fronteiras, se dá a repetição reiterativa de expressões verbais reveladoras de estereótipos arraigados. Para efeito de ilustração, sempre que um brasileiro toma uma atitude considerada pouco inteligente ou demonstra apego ao ócio, seus compatriotas fronteiriços o estigmatizam por meio de designações como “paraguaio” ou “boliviano”. Paraguaios e bolivianos também não perdem a oportunidade de nos identificar como imperialistas brasileiros. (ALVES, 2003, p.16).

No interior dessas “fronteiras”, germina a “estética” plural da população de Corumbá, formada por indivíduos com traços indígenas, hospitaleiros e abertos às festas, a exemplo do carnaval.

2 Carnaval: um pouco de história

Etimologicamente, “carnaval” significa ‘afastar a carne’ (do latim *carnem levare*, ou *carnis vale*), representando o período em que se deve praticar a abstinência da carne ou de tudo aquilo que traz prazer (ARAÚJO, 2003). Como prática cultural, é uma festa de curta duração que narra, performaticamente, práticas do cotidiano. Celebrada em vários lugares do mundo, expressa as contradições da sociedade e ignora a distinção entre atores e espectadores.

Alguns estudiosos (PRESTES FILHO, 2002; QUEROZ, 1992) entendem o carnaval como uma prática banalizada pelo capital e controlada pelos grupos dominantes, que a estimulam como válvula de escape para as tensões do cotidiano. Enquanto espetáculo

teatral, destituído do palco e exibido na rua, historicamente é uma experiência coletiva que se iniciou aproximadamente três mil anos antes de Cristo, no antigo Egito, como culto a Isis, protetora da natureza no plantio e nas colheitas agrícolas (HUXLEY, 1973).

Durante a festa carnavalesca, os antigos egípcios exaltavam o crescimento das sementes, a saúde dos frutos e o culto à fertilidade. A permissividade praticada durante o festejo, com muita comida, bebida e liberação sexual, fazia da festa um espetáculo ritualístico representando a vida farta, a reprodução, o desejo e o prazer. O carnaval egípcio foi absorvido pelas civilizações grega e romana em festas pagãs e rituais de orgia, com desfiles de carros alegóricos e lançamento de confetes nas ruas, contrapondo-se à dura rotina das tarefas árduas (ARAÚJO, 2003).

Huxley (1973) descreve a história do carnaval como uma experiência que nasceu no Egito e que inspirou a Era Cristã em torno de 500 d.C. A festa pagã, com caráter transfigurado pela Igreja Católica para conter os seus excessos, inseria-se no calendário religioso antes da Quaresma. Nomeada à época como “entrudo”, com o significado de entrada, findava-se na quarta-feira de cinzas. Para a redenção dos festeiros foliões, vinha a penitência, com abstinência de sexo, carne e diversões, circo, teatro e festas. Em face desse registro, de “dias gordos e dias magros”, o domingo de carnaval sempre foi marcado no 7º domingo antecedente à Páscoa.

Na Idade Média, a comemoração foi mediada pelo controle da Igreja Católica. Porém, ao adentrar a Idade Moderna, no século XV, especialmente na área mediterrânea da Europa (Roma, Veneza, Paris e Nice), difundiu-se o espírito da Renascença na valorização dos prazeres sensoriais em oposição ao divino e ao sobrenatural.

Na avaliação de Heers (1987), a festividade carnavalesca, representada pela caricatura das celebrações e das procissões religiosas, mantinha a concepção renascentista de mundo com danças e performances que zombavam dos bispos e papas. O autor comenta que o ritmo das danças era semelhante à festa dos loucos. Os foliões recolhiam prendas e peixes para os dias de jejum.

É oportuno salientar que, nos salões de Veneza, na época renascentista, os bailes carnavalescos, na condição de violação de fronteiras, sobrepujavam a festividade. Adereços ou máscaras representando a negação da identidade e a aparição de personagens, tais como a sedutora Colombina e o seu apaixonado Pierrô, o palhaço farsante Arlequim, também apaixonado por Colombina, e o Bobo da Corte, compunham o avesso da festa carnavalesca, subvertendo a prática habitual (HEERS, 1987).

Vale mencionar a contribuição da cientista social Maria Isaura Pereira de Queiroz, para quem, na Europa do século XVI até o século XVIII, a festa profana carnaval, com a estética da comicidade grotesca e orgástica, marcada pela irreverência, foi sendo

transformada pelos novos ideais de representação e expressão. A autora destaca que, nesse período, as ações disciplinares decorrentes da ascensão da burguesia causaram a transformação da festa carnavalesca em prática organizada e com padrão do comportamento social considerado elevado (QUEIROZ, 1992).

Burke (1989, p. 189) ponderou que “[...] as classes dominantes permitiam tais anarquias e inversões porque eram cientes de que as desigualdades de riqueza e poder não poderiam sobreviver sem que os pobres compensassem as suas frustrações [...]”.

Simultaneamente a esse novo arranjo da festa carnavalesca, o índice de alfabetização das classes populares elevou-se, fenômeno decorrente da instauração das escolas públicas, importante requisito da reforma da cultura popular (QUEIROZ, 1992). A autora relata que, em alguns países da Europa e especificamente em Portugal, nas cidades de Lisboa e Porto, durante o século XIX, os bailes de máscaras alargavam a sua aparição tanto quanto os cortejos de jovens na rua com belas carruagens.

Em Portugal, no ano de 1904, o carnaval foi substituído pelo entrudo, assim chamado pelos portugueses e citado em documentos que datam de 1605. Ao longo do percurso a sequência era a mesma: desfile das carruagens ou carros, seguido por grupo de jovens pobres barulhentos cantando ou encenando fatos históricos do país (QUEIROZ, 1992). No cenário mais elegante do entrudo, marca da ascensão da burguesia, linhas de cadeiras nas calçadas eram colocadas pelas damas da elite para assistir à festa com conforto. A plebe assistia, por sua vez, apoiada nas janelas.

Em meados do século XX, a cidade do Porto, a mais festiva e próspera das cidades portuguesas, reunia os profissionais liberais, o comércio, a indústria e as personalidades mais importantes para levar à rua o cortejo de cenário mais elegante. Como fruto da reunião entre os afortunados dirigentes, a organização dos desfiles tornou-se uma mistura de associação de classes e de clubes.

O que ocorreu em Portugal igualmente se deu no Brasil até o início de século XX. O entrudo brasileiro começou a ser reconhecido no século XVIII pelo Vice-Rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes, o Conde de Sabugosa. Com a mudança da Corte para o Rio de Janeiro, a festa foi institucionalizada, importando o modelo europeu e incentivando todo tipo de atividade comercial e artesanal para atender à produção e aos serviços da indústria cultural.

Cabe lembrar Adorno (2002), que discute a indústria cultural como reflexo da consolidação do fetiche da mercadoria, enquanto resultado da produção. Isso o coloca no campo do pensamento marxista, pois vê as mercadorias produzidas pela indústria cultural regidas pela necessidade de concretizar seu valor no mercado:

O modo capitalista de organizar e reproduzir a sociedade exacerba o poder das coisas sobre as pessoas, turvando as possibilidades de reconhecimento das relações sociais subjacentes à produção das mercadorias e transformando-as em fetiches. (MARX, 1982, p. 341).

O fetichismo leva o homem não ver a mercadoria como uma relação social, mas como coisa. Estabelece-se uma inversão que realiza o “poder das coisas sobre as pessoas”, que só desaparecerá no momento em que o homem se tornar consciente, entender o processo de produção capitalista e se dispor a transformá-lo.

Acompanhando a padronização da indústria cultural, ao longo do século XIX até 1930, o carnaval brasileiro, representado pelos bailes e pelo desfile dos carros conversíveis, carros alegóricos, cordões e blocos, passou a ser financiado pelos “fazendeiros do café”, ascendendo assim a participação da burguesia.

A partir das escolas de samba com características afro-brasileiras nasceu um novo carnaval, não apenas envolvendo a classe burguesa, mas também as camadas populares, garantindo sua participação nas decisões políticas relativas à cultura em face de sua presença majoritária (QUEIROZ, 1992).

Na década de 1930, o samba, expressão de musicalidade oriunda da marginalizada zona norte do Rio de Janeiro, recebeu o aplauso nos desfiles carnavalescos das classes dominantes majoritariamente da zona sul. As escolas de samba passaram a exibir a importância da hierarquia, demonstraram a necessidade de ordem na realização de um desfile e, como decorrência, foram consideradas dignas de reconhecimento pelas autoridades e pelo público. Nesse novo estágio foi criada a Associação das Escolas de Samba no Rio de Janeiro, que passou a solicitar apoio sistemático da prefeitura local. A “institucionalização do carnaval” foi entendida por Queiroz (1992, p.106) como indicador positivo de “[...] mudança social, histórica, política e econômica na sociedade brasileira.”

[...] ressurgiu a proposta musical da Semana da Arte Moderna de 22; a burguesia passa a valorizar o samba e a religião afro-brasileira Umbanda que congrega divindades africanas, indígenas e europeias, remetendo aos feitos do Manifesto Antropofágico liderado pelo poeta modernista Mário de Andrade. (QUEIROZ, 1992, p. 106)

Prestes Filho (2009), atualmente Vice-Presidente Cultural da Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, conta que a padronização cultural do carnaval carioca se deu a partir de 1930. Com a mudança da capital brasileira do Rio de Janeiro para Brasília, o desemprego aprofundou-se. A população encontrou na rede do jogo do bicho e nas escolas de samba novas formas de trabalho, fortalecendo o jogo acima de sua

ilegalidade e aumentando o prestígio das escolas de samba. O bicheiro, apoiando e financiando algumas escolas de samba, lavava o dinheiro da contravenção, aliava-se às classes dominantes e controlava as classes “perigosas”.

Com o seu crescimento e fortalecimento as escolas de samba se sofisticaram. Criaram a comissão de frente, a ala das baianas e a bateria e passaram a explorar as exuberantes mulatas. A sedução do carnaval se instaurou e se expandiu do Rio de Janeiro para outros estados brasileiros. Contudo, os bailes carnavalescos embalados pelas marchinhas, a exposição das mulatas e os camarotes recheados de foliões bem vestidos não disfarçam o preconceito e o machismo. Basta observar “quem brinca com quem” durante a embriaguez dos foliões (PRESTES FILHO, 2002, p.47).

Desde fins do século XX até os dias de hoje, a articulação das agremiações carnavalescas com a classe dominante e com políticos instalados no poder permitiu o controle da festa para atender às exigências ditadas pela modernização. Atualmente, em especial no Rio de Janeiro, os barracões das escolas de samba trabalham como linha de produção de uma moderna fábrica. Softwares sofisticados garantem carros alegóricos com estruturas mais leves e resistentes, enquanto o computador controla os efeitos luminosos que encantam o público no sambódromo. É um exemplo o carro alegórico eletrônico “Pelé” (Figura 4), da Escola de Samba Grande Rio, exposto no desfile de 2016.



Figura 4 - Carro Alegórico Pelé da Escola de Samba Grande Rio.

Fonte: O Globo, 07/02/2016.

Os carnavalescos descobrem novos materiais para a confecção de fantasias, alegorias e adereços. Não há mais espaço para o amadorismo e o improvisado (PRESTES FILHO, 2002). Maffessoli (2002, p. 84) entende que o sucesso da grande indústria da festa pode ser mensurado por toda a movimentação financeira estimulada pela publicidade e pela mídia.

[...] diante do intenso turismo incitado pela festa, o carnaval tem-se mostrado como um evento nutrido pelo e de todo o consumo de bens de serviço, em especial a gastronomia que durante a festa apresenta um espetáculo culinário, a comunicação simbólica que comprova a sociabilidade dinâmica capitalista da grande participação popular.

Nesse cenário, emergem interesses comerciais e financeiros dos gestores públicos e privados, que só podem se sustentar em festas organizadas. O carnaval em Corumbá, por exemplo, tem promovido largamente o turismo e estimulado o consumo no comércio local, o que implica a expansão do movimento de restaurantes, da rede hoteleira e de outros setores da economia. Isso exige planejamento.

Nas grandes cidades brasileiras, há também os espaços reservados a espetáculos destinados ao público pagante. Iniciativas ligadas ao evento carnaval podem ser promovidas em teatros, casas de shows, clubes noturnos e restaurantes.

3 O Carnaval em Corumbá

O entrudo brasileiro, oriundo de Portugal e iniciado no Rio de Janeiro no século XVIII, estendeu-se. Na década de 1920 ele se tornou prática cultural sistemática na cidade de Corumbá. Baez (1964), que descreveu em detalhes os eventos festivos de Corumbá, falou sobre o carnaval local e suas origens. O festejo tinha a duração de três dias e dele participaram 200 turistas e 9.500 habitantes. Os foliões jogavam água na população pacata que aderira à brincadeira. Nesses três dias, os participantes faziam críticas sociais, em tom de brincadeira, ao passo que nos bailes carnavalescos danças típicas, tal como a quadrilha, eram executadas.

Em acordo com o padrão cultural da festa brasileira, o carnaval corumbaense também cultivava o panorama elegante das cadeiras nas calçadas para que as damas assistissem ao corso. Com o passar do tempo, novos elementos foram se agregando ao desfile. Em 1927, os blocos “Mama na Burra” e “Pancada de Amor” pediam passagem na avenida e se popularizaram. A manifestação dos foliões enfileirados, os chamados cordões “Pau Rolou”, “Sempre Viva” e “Rojão da Mocidade”, ampliou igualmente os desfiles (BAEZ, 1964). Filhos de fazendeiros, mais tarde, começaram a exibir seus automóveis, cantando as marchinhas carnavalescas nacionais dos anos anteriores, atirando serpentina, confete e lança-perfume.

Inúmeras eram as marchas carnavalescas que ritmavam o carnaval em Corumbá. Temas como a exaltação do Rio Paraguai, da própria cidade, do povo e da Marinha, que ali tem uma base fluvial, animavam a festa. Em 1931, já havia indícios de ampliação do repertório das marchinhas, deslocando-se do aspecto pitoresco da pequena cidade para a

apologia de políticos instalados no poder. Um exemplo foi a composição do folião Mané Só, do “Cordão Pau Rolou”, que cantava o líder civil da *Revolução de 1930*, Getúlio Vargas.

Não há melhor ocasião
Para uma cavação
Porque seu Getúlio é o chefão
Eu quero o metal
O resto não faz mal
Porque eu já era da Aliança Liberal
Sempre hei de gritar como fera
Já era já era
Da Aliança Liberal (BAEZ, 1964, p. 47).

De uma perspectiva sociológica, as marchas carnavalescas representavam um lugar para pensar o Brasil. Da Matta (1994) assegura que tais canções se difundiram em todas as camadas sociais, transpondo fronteiras econômicas, etárias e sexuais. Tornaram-se, portanto, instrumentos simbólicos pelos quais os compositores encontravam meios para dramatizar os valores sociais e as relações de poder na sociedade.

Na década de 1940, os “avanços carnavalescos” e os bailes nas casas das famílias e nos clubes concorreram para a aparição dos personagens Rei Momo e Rainha. Nas ruas, os desfiles, os novos blocos e as batalhas de confetes prosperavam. Um indicador da amplitude que a festa começava a ter, à época, se revelou o registro de um cronista corumbaense. Durante a festa, “[...] presos eram postos em liberdade”, recurso usado “para premiar as pessoas de bom comportamento nos cárceres.” (BAEZ, 1964, p. 39).

Um marco carnavalesco de 1946, já no pós-guerra, foi o desfile do Bloco Formigueiro, que apresentou uma carroça com a frase “guerra dos burros” e um jegue na carroceria, em meio à batalha de confetes, defronte à sorveteria Americana. Era um cenário que celebrava a vitória das forças aliadas na II Guerra Mundial.

Surgiam novos blocos e cordões. Em Corumbá, no movimento efervescente de 1946, surgiu a primeira Escola de Samba, denominada “Deixa Falar”, fruto da presença de marinheiros foliões cariocas, vinculados ao 6º Distrito Naval da Marinha do Brasil. Instaurado o modelo carioca, as fantasias de maior grandeza, a participação popular nas alas dos desfiles das escolas e os carros alegóricos mais elaborados chamaram a atenção de repórteres de São Paulo e do Rio de Janeiro, em especial no que se refere ao “Enterro dos Ossos”, a brincadeira do dia seguinte (domingo) do carnaval oficial.

Proença (1992) afirma que, a partir da instauração do modelo carioca, da década de 1950 em diante, atravessando os anos 1960 e 1970, novas escolas de samba surgiram. Nesses anos, o carnaval corumbaense cultivava as marchas nacionais consagradas, como “Ei, você aí, me dá um dinheiro aí...”. A animação do carnaval de 1960 foi abordada por Clio

Proença, colunista do jornal *O Momento*, que escreveu: “Esse carnaval só deu pernas. Pernas finas, grossas, brancas, cabeludas e tortas. Este carnaval mostrou que para brincar é preciso ter pernas.” (PROENÇA, 1992, p.38).

Na década de 1970, o carnaval corumbaense enfrentou a fragilização da economia, tanto da indústria quanto da pecuária. Barreiras de ordem ambiental, como o retorno das enchentes depois de um período de dez anos de seca, crises sucessivas, tropeços, desavenças, levaram muitos a anunciar o seu fim: “[...] o carnaval já era, perdeu a sua riqueza.” (PROENÇA, 1992, p. 87).

Nesse momento começou a ocorrer o apelo às atividades terciárias, em especial à cultura, pois a cidade guarda o maior patrimônio histórico e arquitetônico do sul de Mato Grosso. Daí as adaptações na estética carnavalesca.

É claro que ele [o carnaval] se modificou. O comércio não colabora como colaborava no passado. O poder público prefere vendê-lo em bandas baianas ou em desfiles na Marquês de Sapucaí, é mais fácil, dá menos trabalho e mais votos. O carnaval que um dia se vestiu de glória, devidamente resgatado e divulgado, trará divisas ao Município. Através dele poderemos contar a história do nosso povo. Mas isso dependerá de nós filhos da terra e dos companheiros que a escolheram para viver. Dependerá do nosso esforço, empenho, trabalho sério, de ano a ano. Só assim conseguiremos fazer renascer o carnaval tradicional. Não vamos deixar que ele desapareça na poeira do tempo, nem que nos roubem o lugar de destaque que ocupamos. Unidos vamos provar o quanto vale a preservação de uma cultura. (PROENÇA, 1992, p. 87)

O desabafo do cidadão corumbaense César Proença (1992) faz pensar a respeito da relação estreita entre o material e o simbólico no festejo carnavalesco, demonstrando, ainda, haver “[...] um processo de consciência dos sujeitos sociais em relação ao meio.” (DAMATTA, 1994, p. 78). A alusão ao fato de o poder público preferir vender o carnaval de Corumbá em bandas baianas ou em desfiles na Marquês de Sapucaí diz respeito à indústria cultural. As autoridades municipais deixavam de investir no carnaval local para financiar eventos carnavalescos em outros estados, a pretexto de dar visibilidade à cidade e ao Pantanal e expandir o turismo. As classes dominantes locais se rendiam aos modelos brasileiros de carnaval instaurados no Rio de Janeiro e na Bahia. Contraditoriamente, esse quadro engendrou a possibilidade de o carnaval em Corumbá aderir plenamente aos modelos dos grandes centros, contribuindo para organizar o turismo local e toda a economia intensificada pela presença dos visitantes. A organização da festa ensejou planejamento que envolveu atividades da rede hoteleira, de arranjos domésticos de hospedagem, de pequenos e grandes restaurantes, padarias, supermercados, lojas, postos de gasolina,

shows musicais nos bares, de ambulantes e seus produtos artesanais, traslado aéreo e terrestre, passeios de barcos e turismo de pesca.

A respeito do alargamento do festejo, o empresário do ramo do entretenimento Jose Martinez Neiva (2015), Presidente da Liga Independente das Escolas de Samba de Corumbá - LIESCO (2006 a 2013), narrou fatos relevantes. Para ele, quando da “[...] comemoração aos 200 anos de Corumbá, em 1978, o carnaval foi muito marcante, gerou renda e trabalho, movimentou todo o setor e elevou a autoestima da população [...]”. De fato, Neiva estava falando sobre a retomada da autoconfiança da população depois das crises sucessivas que provocaram inércia na cidade, após o esplendor da navegação fluvial.

No processo de desenvolvimento da festa, em 1985, as escolas de samba se tornavam entidades complexas e começavam a dar demonstrações de poder de mobilização. Uma escola poderia ter entre 1800 e 2500 foliões, distribuídos entre a comissão de frente, o casal mestre-sala e porta-bandeira, a bateria, as alas dos passistas, das baianas e da velha-guarda (NEIVA, 2015).

A própria bateria (Figura 5), considerada o coração do desfile, implica um elevado grau de organização. No interior de uma escola de samba, ela compreende mais de dez diferentes instrumentos de percussão. Vestida com as cores da bandeira da escola, a bateria sintetiza os ritmos, os tons e a singularidade de cada escola.

[...] as escolas de samba brasileiras são conhecidas pela forma com que seus tambores são tocados, pelo ritmo que se dá aos corpos dos passistas e dos carros alegóricos. Cada escola tem características específicas que indicam o tipo de arranjo musical que a bateria apresenta, algumas enfatizam os agogôs, outras os surdos e a cuíca, por exemplo. Durante o desfile, a bateria faz duas paradas em locais chamados recuos, uma espécie de espaço vazio que permite a passagem da escola. Quando isso acontece vibra no corpo dos foliões e o samba apela para o movimento e a dança fazendo os corpos balançarem. (PRESTES FILHO, 2002, p. 94).



Figura 5 - Bateria da Escola de Samba Mocidade Independente de Corumbá, Mato Grosso do Sul.

Fonte: FERNANDES, 2012.

No ano de 1985, a fauna e a flora pantaneira foram exaltadas nos desfiles das escolas de samba em Corumbá. Nos enredos das escolas de samba, nos carros alegóricos e nos adereços usados no desfile festivo, o Pantanal foi cantado como símbolo de qualidade ambiental. Essa tendência se difundiu e continua sendo reiterada. Os símbolos locais têm sido exibidos nas fantasias. A Figura 6 mostra fantasias estampadas com o padrão da pele de onça pintada, animal pantaneiro emblemático por estar no topo da cadeia alimentar e habitar o imaginário do homem como expressão de força.



Figura 6 - Aderecistas carnavalescos de Corumbá, Mato Grosso do Sul.

Fonte: GALLO, 1987, p.19.

Outro exemplo da consagração do símbolo local foi a representação do lendário Vapor Fernandes Vieira (Figuras 7 e 8), emblemático da navegação no Rio Paraguai (PROENÇA, 1992).



Figuras 7- Navio a vapor Fernandes Vieira a bombordo, no Rio Paraguai, Corumbá, Mato Grosso do Sul.

Fonte: MIGUEIS, 2014.



Figuras 8 - Navio a vapor Fernandes Vieira a bombordo, no Rio Paraguai, Corumbá, Mato Grosso do Sul.

Fonte: MIGUEIS, 2014.

Os símbolos apontados tornam evidente a presença no carnaval das estruturas do cotidiano. Eles não apontam para rupturas sociais. Ao contrário, consagram a “[...] conservação das estruturas sociais que, na verdade, continuam imutáveis na desordem aparente do carnaval.” (QUEIROZ, 1992, p. 54).

Albaneze (2014) informa que, em 1999, a Escola de Samba Mocidade de Corumbá lançou o samba enredo “Das águas do Paraguai, nasce um rio de esperança”, de autoria de Marcos César e Sandro Nemir. Abordando o tráfego no Rio Paraguai, desde a sua nascente até o encontro com o Rio Paraná, esse samba discutiu a trajetória histórica desse importante corredor de trocas.

A partir da década de 2000, o festejo passou por um período de estagnação. Em defesa da festa, os agentes carnavalescos de Corumbá mobilizaram-se para criar, em 04 de dezembro de 2002, a Liga Independente das Escolas de Samba de Corumbá (LIESCO). Objetivava institucionalizar a festa popular e dar apoio a atividades de “Associações de Defesa de Direitos Sociais” (NEIVA, 2015).

Em 2002, o carnaval parecia “perto do fim”, com apenas duas Escolas de Samba, Mamona e Pesada. A “baianização”, termo usado para se referir a adesão ao modelo de carnaval da Bahia, impunha a utilização de um trio elétrico que subia e descia a Avenida Frei Mariano, no centro de Corumbá. O carro comandava o carnaval tocando o samba no mais alto volume permitido pelas potentes caixas de som. A população o acompanhava, “pulando carnaval” (NEIVA, 2015).

No ano seguinte, 2003, com o apoio do governo federal, investiu-se na passarela do samba e na sonorização. Instrumentos novos foram adquiridos pelas escolas de samba. Surgiram novas escolas, intensificando a disputa entre elas, elevando o profissionalismo entre os carnavalescos e, sobretudo, aumentando a oferta de trabalho em Corumbá. A partir daí os carnavalescos locais passaram a espelhar-se no carnaval do Rio de Janeiro (NEIVA, 2015).

O intercâmbio com as experiências carnavalescas do Rio de Janeiro também se aprofundou. A esse respeito, Jose Martinez Neiva (2015), em entrevista, conta que em 2006, um carnavalesco carioca contribuía para encontrar soluções exigidas pelos desfiles de escola de samba em Corumbá.

[...] nessa época, veio do Rio de Janeiro para trabalhar na Escola de Samba Império do Morro, o primeiro carnavalesco carioca, e depois outras escolas seguiram. As fantasias chegavam do Rio de Janeiro, prontas e semiprontas. A preocupação era a consequência disso; o desemprego das costureiras, artistas e artesões de Corumbá, afetando a todos. Até porque, a ideia do investimento público é investir na comunidade. (NEIVA, 2015).

Posterior a isso, houve alternâncias entre festas muito concorridas e outras nem tanto. Também se sentiram desestimulados os presidentes das escolas de samba quando faltaram investimentos do governo do estado, do município e de empresas privadas. Mas, entre 2014 e 2015, o carnaval se consolidou. A celebração da festa durante sete dias, com aproximadamente 45 mil turistas somados aos 110 mil habitantes, promoveu a dinamização dos setores de comércio e serviços e a afirmação da indústria cultural no evento.

Considerações Finais

O carnaval em Corumbá vem se revelando prática cultural dinâmica, aberta às influências externas, em especial do que emana do Rio de Janeiro. Conta, para tanto, com o apoio dos atores sociais envolvidos na festa. As escolas vêm se revelando, igualmente, bastante permeáveis às interferências dos gestores públicos e do mercado.

Originalmente, as primeiras edições da festa proporcionavam união, organização e participação da população corumbaense. A história e os recursos locais eram expostos nas temáticas abordadas. Essa característica se manteve, porém adaptada ao formato de uma festa turística cancelada pelas autoridades públicas e na qual o capital intervém diretamente.

A presença na região do 6º Distrito Naval da Marinha do Brasil contribuiu para a instauração do modelo carnavalesco carioca, hoje consolidado, e estimulou o aparecimento

de escolas de samba. Um divisor de águas na história do carnaval em Corumbá ocorreu na década de 1970: quando o município enfrentou grave crise econômica, associada tanto à retroação da pecuária quanto à fragilização do parque industrial local. O setor terciário ganhou importância e o carnaval passou a ser visto como algo indissociável do turismo.

A intervenção do governo federal no apoio ao carnaval corumbaense de 2003 deu outra dimensão à festa, que ganhou grandeza, incitou a criação de novas escolas de samba e demandou o uso de estratégias de organização para dar sustentação aos festejos durante sua realização. Entre dificuldades e potencialidades, atualmente, o carnaval de Corumbá dinamiza o mercado e atende ao modelo de consumo da indústria cultural.

Recebido em: 28/01/2017

Aprovado em: 31/08/2017

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ALBANEZE, Geraldo. *Entrevista sobre o carnaval de Corumbá*. Corumbá: Hotel Nacional, 9 out. 2014, às 13h. Entrevistadora: Denise Abrão Nachif.
- ALVES, Gilberto Luiz. *A Casa Comercial e o Capital Financeiro em Mato Grosso: 1870-1929*. Campo Grande: UNIDERP, 2005, v.1.
- _____. *Mato Grosso do Sul: o universal e o singular*. Campo Grande: Uniderp, 2003.
- ARAÚJO, Hiram. *Carnaval - seis milênios de história*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.
- BAEZ, Renato. *Corumbá: figuras e fatos*. São Paulo: Tipografias e Livrarias Brasil S/A, 1964.
- BURKE, Peter. *A cultura popular na Idade Moderna - Europa, 1500-1800*. São Paulo: Schwarcz, 1989.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- _____. *A dualidade do conceito de cultura*. São Paulo: 19 fev. 1999. Disponível em: <<http://artesemlei.blogspot.com.br/2012/03/dualidade-do-conceito-decultura.html>>. Acesso em: 17 jul. 2016.
- FERNANDES, Alberto. Bateria da Escola de Samba Mocidade Independente de Corumbá. *Diário Corumbaense*. Corumbá, 09 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.diarionline.com.br/index.php?s=noticia&id=41720>>. Acesso em: 7 abr. 2016.
- FRAZÃO, Alessandra. Cultura no MS. *Diário Corumbá*. Corumbá, 8 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.culturams.com.br/projetos-culturais>>. Acesso em: 2 abr. 2016.

GALLO, Anderson. Pantanal e Carnaval em Corumbá. *Revista Imprensa*, Corumbá, v. 1, n. 1, p. 18-20, 1987.

HEERS, Jacques. *Festa de loucos e carnavais*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

HUXLEY, Aldous. *Demônios da loucura*. Rio de Janeiro: Americana, 1973.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MIGUEIS, Fernandes. *Memórias e tradições*. Corumbá/MS, dez. 2014. Disponível em: <<http://somosmigueis.blogspot.com.br/2014/12/navegacaomigueis.html>>. Acesso em: 27 maio 2015.

NEIVA, José Martinez. *Entrevista sobre o Carnaval de Corumbá*. Corumbá, MS: Hotel Nacional, 14 out. 2015, às 14h. Entrevistadora: Denise Abrão Nachif.

PRESTES FILHO, Luiz Carlos. *Economia da cultura: a força da indústria cultural do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Massangana, 2002.

_____. *Cadeia produtiva da economia do carnaval*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

PROENÇA, Augusto Cesar. *Corumbá de todas as Graças*. Campo Grande: Gráfica e Editora Ruy Barbosa, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Carnaval brasileiro. O vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ROCHA, Eunice. *A festa de São João em Corumbá*. São Paulo: Claudio Cápua, 1997.

SECRETARIA DE TURISMO DE CORUMBÁ. 2016. Disponível em: <http://www.webventure.com.br/destinoaventura/imagens_destinos/1098_221008120112_g.jpg>. Acesso em: 7 abr. 2016.

SOUZA, Carlos. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. *Revista Brasileira de História*, Corumbá, v. 24, n. 48, p. 331-351, 2004.

SOUZA, Carlos. *História de uma região: Pantanal e Corumbá*. São Paulo: Editora Resenha Tributária, 1973.

TEIXEIRA, José Coelho. *Uma cultura para o século. Tudo fora do lugar, tudo bem*. São Paulo: CBD-ECA-USP, 2006.